



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: diretrizes para a prática docente

SCIENCE OUTREACH: guidelines for teaching practice

📍 **Carolina Costa Resende**

Doutora em Psicologia pela Universidade Católica de Minas Gerais (2014), com doutorado sanduíche na Université Paris Descartes (Paris V). Mestrado em Psicologia (2007) e graduação em Psicologia pela PUC Minas (2003); especialização em Abordagem Direta do Inconsciente pela TIP Clínica (FELUMA, 2016) e Análise Institucional e Esquisoanálise pelo Instituto Félix Gattari (2004). É coordenadora de pesquisa e extensão da Faculdade Unimed. É professora (Prof. Adjunto IV) da PUC Minas desde fevereiro de 2009. Tem experiência na área de Psicologia Educacional, Comportamento Organizacional, Psicologia do Trabalho, Projetos Sociais e de Inclusão Social de Pessoas com Deficiência.

Contato: nupex@faculdadeunimed.edu.br

📍 **Anna Gabriela Teixeira**

Graduanda em Letras pela UFMG, estagiária do Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade Unimed. É integrante do Núcleo de Estudos de Utopismos e Ficção Científica da UFMG, foi bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG no projeto "*Lybro de magyka* (Ms. 5-2-32, Biblioteca Colombina): edição semidiplomática e estudo lexicológico" no ano de 2018 e integrou o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG como bolsista de extensão no projeto: "Arquivos literários: conservar, organizar, disponibilizar" entre 2017 e 2018.

Contato: nupex@faculdadeunimed.edu.br

📍 **Marina Moreira De Souza**

Graduanda em Processos Gerenciais pela Newton Paiva, Assistente do Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade Unimed. Atuou nas áreas de Administração de Projetos na FUNDEP; Gestão de *Campus*, Infraestrutura e Obras e Supervisão de Operação de Contratos no Centro Universitário Newton Paiva.

Participou de workshops na área de Gestão na Newton Paiva; Palestras Organizacionais na FAFICH-UFMG e tem cursos de extensão em Desenvolvimento Pessoal e Profissional, Assistente Administrativo, Finanças Familiares e Relacionamento Interpessoal.

Contato: nupex@faculdadeunimed.edu.br



RESUMO

O presente artigo é fruto do recente trabalho de implantação do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX) na Faculdade Unimed. Tal percurso envolveu um esforço coletivo e colaborativo, por parte da equipe técnica do NUPEX/Faculdade Unimed, para sistematizar as diretrizes e normas voltadas às atividades de extensão no atual contexto do ensino superior brasileiro. A proposta central deste trabalho é refletir sobre o papel da Extensão Universitária na formação do aluno de graduação, considerando, em especial, a portaria nº 1.350 de 17/12/2018 a qual declara homologado o Parecer CNE/CES nº 608/2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação e institui as diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. Esse importante marco legal para o campo da extensão universitária sintetiza o trabalho realizado na última década no sentido de conceituar a extensão universitária de forma indissociável ao ensino e à pesquisa e ainda integrar os diferentes segmentos de entidades de educação superior que compõem o Sistema Federal de Educação, contemplando as dimensões avaliativas e regulatórias já em vigência no contexto do ensino superior. O presente trabalho pode ser útil a gestores e agentes mantenedores de Instituição de Ensino Superior (IES), pró-reitores, coordenadores, professores e estudantes interessados em implementar as ações de extensão no âmbito da sua IES. Acrescenta ainda uma reflexão crítica da *práxis* sócio-histórica da extensão universitária no país.

Palavras-chave: Ensino Superior. Extensão Universitária. Marco Regulatório da Educação Superior. Formação do Aluno de Graduação.

ABSTRACT

This paper is the result of the recent implantation of a Research and Science Outreach Center (Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPEX) at Faculdade Unimed. The development of this Center required a collective and collaborative effort from NUPEX/Faculdade Unimed’s technical staff in order to systematize the guidelines and norms related to the activities of university extension in the actual context of college education in Brazil. The main objective of this work is to meditate about the role of Science Outreach on the education of undergraduate students, considering, specially, the ordinance No 1.350 from 12/17/2018 where is homologated the draft CNE/CES No 608/2018, from the Higher Education Chamber of the National Education Council, and is instituted the guidelines for the Policies for Science Outreach in



Brazil. This important legal device for the field of Science Outreach synthesizes the work done on the last decade to conceptualize it inseparably from education and research and also integrates the different segments of higher education entities that are part of the Federal System of Education, including evaluative and regulative dimensions already valid. This work can be useful to managers and agents who are maintainers of Higher Education Institutions, deans, coordinators, professors and students interested in implementing Science Outreach activities on their IES. It also adds a critical reflection about the socio-historical *práxis* regarding university extension in the country.

Keywords: College Education. Science Outreach. Higher Education Regulatory Framework. Undergraduate Student Formation.



1 INTRODUÇÃO

Educar “*é sempre uma atividade intencional*” e “*a tarefa da educação sempre foi forjada em debates*” (CUNHA, 2005, p.17), expressando a intencionalidade de uma determinada época. Tal tarefa tem a ver com o projeto de homem: “*o que seria bom acontecer com ele em seus diferentes ciclos de vida, infância, adolescência e diferentes fases da vida adulta*” (CUNHA, 2005, p.23). No entanto, os interesses políticos são, muitas vezes, implícitos no campo da educação, especialmente por meio de discursos naturalizantes expressos nos projetos pedagógicos.

Todo projeto pedagógico tem um sentido em seu discurso, uma ideologia que o alimenta. Portanto, uma política nacional de educação jamais é neutra, ela traz consigo a ‘vontade do legislador’, que, por sua vez contém um projeto de civilização forjado no debate com a sociedade e os seus respectivos órgãos representativos. De tal forma que o processo de formação humana é atravessado por muitas inscrições, por meio das quais as informações se tornam habitantes das mentes, das subjetividades, dos jeitos de ver e levar a vida.

No entanto, a tarefa de educar transborda os muros escolares/acadêmicos e envolve toda uma comunidade. Motivo pelo qual é de fundamental importância pensar crítica e estrategicamente a respeito da relação de uma instituição de ensino com a comunidade do seu entorno e ainda estabelecer diretrizes para o posicionamento ético da comunidade acadêmica/escolar diante dos problemas e injustiças sociais. No contexto da educação superior, é preciso ter clareza de que a extensão é um processo acadêmico próprio e inerente à sua atividade-fim. Deve, portanto, estar contemplada na matriz curricular de todo curso de graduação, articulando-se complementar e indissociadamente ao ensino e à pesquisa.

O presente trabalho visa discutir o mais recente marco regulatório da extensão universitária do país, a Portaria nº 1.350 MEC/CNE de 17/12/2018 (BRASIL, 2018), à luz de um referencial teórico voltado para a elucidação de discursos que apontam para o papel da universidade em uma educação cidadã, emancipatória e comprometida com a transformação social.

A preocupação da educação superior diante de questões sociais graves não é recente. No entanto, na última década, a definição conceitual de extensão universitária tem sido alvo de debates e reflexões acerca do seu papel na formação do aluno, bem como das suas responsabilidades no que se refere ao impacto e à transformação social. Mendonça & Silva (2002) afirmam que quanto mais a sociedade mergulha em problemas, muito mais é exigido



dos intelectuais, dos cientistas e das instituições educativas para que forneçam referências potenciais para soluções. Há autores mais enfáticos ainda, como Fernandes (1984), que defendem que em uma sociedade como a brasileira, os imensos problemas sociais afetam inclusive a universidade, e ela, por sua vez, não pode ficar alheia a eles.

Assim como o ensino e a pesquisa, a extensão é influenciada pelos valores contemporâneos, cercados por interesses imediatos e de longo prazo. Dentre os muitos desafios que existem, o presente estudo interroga a condição da extensão universitária no que se refere à formação discente, à responsabilidade social e à produção de conhecimentos.

Ao final, é apresentado o perfil extensionista da Faculdade Unimed o qual se encontra sistematizado em seu Regulamento de Extensão (Faculdade Unimed, 2018) e está em fase de implementação no âmbito do NUPEX - Núcleo de Pesquisa e Extensão, por meio do financiamento próprio e da captação de recursos via editais internos ou externos.

2 O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: o desafio da formação dialógica

A Portaria 1.350 MEC/CNE de 17/12/2018 reitera o compromisso sócio-histórico das IES em promover a participação do corpo docente e discente em ações de melhoria das condições de vida da comunidade e de promoção do desenvolvimento social (BRASIL, 2018).

Tal parecer explica que as relações entre ensino, pesquisa e extensão decorrem dos conflitos em torno da definição da identidade e do papel da Universidade ao longo da história, conforme corrobora o entendimento de Cesar (2013):

A compreensão sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, não se restringe a uma questão conceitual ou legislativa, mas fundamentalmente, paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, pois está relacionada às funções e à razão de ser das universidades, que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projetos nacionais de educação (CESAR, 2013, p. 19).

Ao definir a extensão universitária enquanto um ‘processo acadêmico’ inerente à formação em nível superior, a portaria também reafirma a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, conforme defendido por vários autores do campo extensionista desde a primeira década dos anos 2.000.

Dessa forma, ensino, pesquisa e extensão, enquanto funções básicas da Universidade, devem ser equivalentes e merecer igualdade em tratamento por parte das instituições de ensino superior, pois, ao contrário, estarão violando esse preceito constitucional (ANDRADE; MOITA, p.78. 2005).



Este novo paradigma de universidade identifica e contribui para maior autonomia do aluno, ao colocá-lo como protagonista do seu processo de formação.

[...] o estudante como protagonista de sua formação técnica – processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional e à formação cidadã o qual lhe permite reconhecer como agente de garantia de direitos, deveres e transformação social (BRASIL, 2018, p.9).

A transformação da sociedade, considerando o empoderamento social, por sua vez, se dá por meio da relação dialógica entre IES-professor-aluno-comunidade.

2.1 Compromisso social e formação dialógica no âmbito da extensão universitária

A discussão elucidada na portaria atualiza questões relativas ao papel da universidade na sociedade. É papel da universidade a transformação da sociedade? A atuação do aluno é suficiente para transformar a realidade? Qual é a relevância do trabalho do aluno para a transformação do público-alvo?

A partir desses questionamentos, a equipe do NUPEX/Faculdade Unimed chegou à conclusão de que a extensão universitária é um dos pilares da formação acadêmica que se concretiza na relação dialógica com a sociedade, especialmente, em função da transformação mútua, tanto dos universitários quanto da comunidade ‘atendida’, especialmente no que diz respeito à leitura e interpretação da realidade.

A base do conhecimento dialógico parte da noção de reconhecimento de alteridade. O ‘eu-aluno’ não pode considerar o outro como um outro-comunidade (ou público atendido) ‘vazio’, o ‘eu’ precisa aceitar que algo seja acrescentado à ‘minha (do aluno) leitura de mundo’ e é bom que isso seja germinado para coprodução de um novo conhecimento. Significa dizer que, em uma prática extensionista, as relações de ensino, assim como a produção de novos conhecimentos, trazem consigo uma dimensão de materialidade social e histórica, cujas contradições e tensões se enfrentam dialeticamente, em um território ocupado simultaneamente por diversas perspectivas, seja do aluno, do professor e também da comunidade atendida.

Na extensão, o indivíduo-aluno não tem como continuar sendo apenas um. Ele transborda o limite do individualismo e se lança em um projeto coletivo, feito a várias mãos, cujo equilíbrio é instável e requer o desenvolvimento de múltiplas competências em um contexto real e contingente, tais como: empatia; liderança; senso de responsabilidade; adaptação aos cenários adversos; postura crítica e problematizadora da realidade, assim como competências colaborativas aplicadas ao trabalho em equipe.



O diferencial da extensão universitária é oportunizar aos alunos e professores um espaço para a construção dialógica de reflexões e conhecimentos interdisciplinares capazes de transformar visões de mundo e realidades profissionais nas diversas áreas do conhecimento. Portanto, a extensão visa uma transformação tanto na formação técnico-profissional quanto humana, na medida em que amplia os canais de interlocução da Universidade com os segmentos externos da sociedade, articulando os diversos campos do saber com espaço para intervenções, produção de conhecimentos e reflexões. Segundo Thiollent (2003):

[A] extensão torna-se uma importante fonte de informação para o mundo acadêmico, difícil de obter por outros meios. Com ela, estabelece-se uma riqueza de contatos, com grande variedade de interlocutores. Anima-se a vida cultural dos campi e de seu entorno; e potencializam-se ações transformadoras na sociedade.

Para que isso aconteça, qualquer ação de extensão, seja numa prática curricular, em um projeto ou em um evento de extensão, devem estar reunidas algumas condições, tais como: favorecer a interação do aluno com a sociedade; conferir ao aluno autonomia para agir: planejar, realizar tarefas e avaliar os resultados de tais atos; promover momentos coletivos de discussão (conversa) sobre questões éticas, convocando o aluno para se posicionar diante dos fatos e dos problemas que vos apresentam.

A universidade, nos moldes contemporâneos, se vê diante de um mundo globalizado marcado por transformações tecnológicas, cada vez mais acessíveis, com uma tecnologia de informação onipresente. Nesse contexto, o acesso ampliado ao ensino superior é marcado por um perfil mais executivo das ações, cujo intelectual trabalha de forma ‘consorciada’ para potencializar respostas imediatistas de ‘clientes’ externos em detrimento daquele perfil clássico do intelectual pensador e desinteressado (THIOLLENT, 2003).

A atual tendência dos editais e indicadores de extensão aponta para uma extensão que, a serviço da sociedade, utiliza metodologias participativas concretizadas por meio de iniciativas sociais e solidárias. Por outro lado, quanto mais imediatista for a prática, menos impulsionadora será a mola da espiral formadora do aluno. O propósito da extensão não deve ser centrar sua ação na solução de problemas, enquanto uma equação que tem início, meio e fim. A sua finalidade consiste na problematização (cada vez mais ampla e profunda) das questões estruturais dos diversos campos: econômicos, sociais, ambientais etc. Parece ser este o caminho que o extensionista deve fazer para adquirir novas significações na atual sociedade.

A grandeza do processo de aprendizagem na modalidade de extensão universitária está exponencialmente relacionada com o tipo e intensidade da participação do aluno e não tanto com seu perfil. Significa dizer que o perfil do aluno não é tão determinante da fecundidade da



ação de extensão quanto a sua *práxis*. Seria até arriscado qualquer pretensão de se estabelecer critérios para selecionar o aluno extensionista conforme o seu perfil. Mais arriscado ainda seria perseguir um modelo idealizado de curso, aluno ou professor extensionista.

O efeito transbordante na formação do aluno é favorecido por meio da problematização da realidade, uma forma de elevação da prática ao nível da teoria e da elaboração analítico-crítica. Segundo Heller (1970), a vida cotidiana abriga o homem integral que traz consigo a particularidade e a genericidade da história. Por essa razão, o cotidiano em si não pode ser integralmente absorvido ou conhecido. Nessa perspectiva, se não podem ser conscientes ou transformados em palavras, os pensamentos e ações cotidianos não se elevam ao nível da teoria e da *práxis*. Disso decorre, na concepção de Heller (1970), a importância da arte e da ciência como formas de elevação, ou seja, de conhecimento da cotidianidade. Portanto, a ação de extensão é transbordante quando a *práxis* efetivamente acontece.

Segundo Thiollent (2003), alguns elementos podem determinar esse grau de envolvimento. O autor cita três modalidades de participação dos atores sociais na extensão universitária: *Adesão contratual* - corre o risco de ser limitada à composição de interesses particulares, como no caso de parcerias. Quando há o interesse coletivo/objetivo comum, o bem-comum aparece; *Adesão por envolvimento emocional* - O envolvimento emocional é inegável e indispensável. Porém, é prejudicial quando a adesão estiver intensamente ligada ao vínculo emocional que comprometa o consenso das partes; *Adesão política* - é necessário um diálogo permanente e a necessidade de negociar as escolhas. Portanto, depende da capacidade de posicionamento e argumentação das partes.

Quanto à intensidade da ação, Desroche (apud Thiollent, 2003), ao apresentar uma escala de participação do pesquisador em processo de pesquisa, classifica a participação em etapas de desenvolvimento do perfil de participação no sentido do papel ativo do pesquisador em seu trabalho de campo.

Quadro 1: Perfil do aluno extensionista

| Perfil | Característica |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Militante | Expectativa direcionada a um movimento maior (causa). Professa um discurso idealizado. “O mundo precisa é disso.” |
| Usuário | Apenas usufruir dos benefícios garantidos pela sua participação. “O que tenho que fazer? Quantas páginas têm que ter?” |



| | |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Espontâneo | Expectativa intuitiva; perfil do tipo “gostei desse negócio. Como eu faço para participar?”. |
| Informativo | Expectativa de conhecer, de aprender como funciona, de se informar para alimentar seu pretendido perfil polivalente. “Inclusive, estou pensando em um projeto de pesquisa para o próximo edital”. |
| Distanciado | Expectativa centrada na execução de tarefas operacionais, porém sem envolvimento. Cria blog, formata texto, edita vídeo. Porém, não cria vínculos, não se implica com as normas. “Isso, pode deixar que eu faço”. |
| Aplicado | Facilita o papel ativo na conduta do processo. Compartilha informações, planeja com os interessados; organiza as ações em direção a alguma forma de empoderamento. “Então, venha aqui! Vamos decidir como a gente vai fazer?” |

Fonte: THIOLENT, 2003.

É importante destacar que todos esses perfis interagem ao mesmo tempo com os demais.

Uma das condições para este fluxo consiste em se construir o conhecimento de forma dialógica. Para que isso aconteça, é necessário que a ação possua algum sentido prático para os grupos implicados. Além disso, há uma construção de conhecimento a respeito dos efeitos práticos dos dados e experiências adquiridos com a prática de extensão.

De acordo com Síveres (2013), a atividade extensionista reforça o percurso da aprendizagem, qualificando o valor da instituição e que deve ser vivenciado pelos universitários e pelos atores sociais. Para compreendê-la “é adequado dizer que a extensão é um jeito de ser, uma maneira de dialogar e uma possibilidade de aprender” (p.20), ou seja, seu sentido é associado a realização de atividades que gerem reflexões transformadoras, contribuindo para a igualdade social. Trata-se de uma conjugação de saberes cujo eixo norteador é a promoção da cidadania.

Nessa perspectiva, é imprescindível o conhecimento dos problemas do mundo e o desenvolvimento de habilidades e competências que viabilizem a produção de conhecimento e de tecnologias inovadoras, eficazes e replicáveis. Nesse contexto, o caráter extensionista da ação acadêmico-assistencial se distingue de outras ações promovidas pelos demais agentes sociais como ONGs, Estado ou outras instituições. Seu diferencial consiste no fato de orientar, promover, avaliar e implantar reflexões críticas tanto por parte dos professores, como dos alunos e da comunidade envolvidos nas ações. É esperado, portanto, que a extensão universitária produza impactos no perfil do egresso que uma IES (Instituição de Ensino Superior) está formando, gerando não só nos alunos, mas também no corpo docente, um olhar



inovador, reafirmando o verdadeiro papel de uma IES que, enquanto uma instituição social, deve promover diversos saberes para além da grade curricular e da formação meramente técnica.

É preciso então pensar uma atuação que seja transformadora, que se proponha combater os excessos da desigualdade e que possa produzir fissuras nas iniquidades reforçadas pela lógica social que gerou tais problemas sociais. Esse propósito vai ao encontro à proposta de SUGAHARA que define o trabalho cooperativo enquanto dispositivo de desenvolvimento de crenças e valores comuns em torno da igualdade e da pluralidade, com novas formas de expressão da liberdade e da autonomia, contribuindo para a melhoria da gestão do espaço solidário e da qualidade de vida de todos os envolvidos.

Castel (1998) postula que o social ocupa o lugar do hiato existente entre a organização política e o sistema econômico. Tem a função de “restaurar ou estabelecer laços que não obedecem nem à lógica estritamente econômica nem a uma jurisdição estritamente política. O social consiste em sistemas de regulações não mercantis, instituídas para tentar preencher esse espaço” (CASTEL, 1998, p.31). Por sua vez, Baremlitt (2002) define que a sociedade é o espaço da interpenetração de forças reprodutivas e antiprodutivas:

(...)cujas funções estão a serviço da exploração, dominação e mistificação (atravessamentos), assim como também está constituída [a sociedade] pela interpenetração das forças e entidades que estão a serviço da cooperação, da liberdade, da plena informação (transversalidade) (BAREMBLITT, 2002, p.35).

Portanto, estudos que abordem fenômenos sociais dizem respeito a uma complexidade e devem se valer de dispositivos que afirmem a inclusão e transversalidade do campo pesquisado.

Chanlat (2000), por sua vez, destaca que o conjunto interdisciplinar de abordagens pode contribuir para a construção de uma imagem menos parcelada do indivíduo na organização. Nessa perspectiva, buscamos cruzar dados, correlacionar abordagens e teorias, multiplicando os diferentes níveis de análise e interpretação da realidade observada, buscando, ainda que ciente de sua impossibilidade, reconstruí-la em sua integralidade.

Le Blanc (2011) ressalta que os marginalizados, ao se tornarem objeto de estudo, permanecem como ‘sujeitos irrepresentáveis’. Portanto, não é possível falar por eles. Isto porque “falar em nome dos outros ou agir em nome dos outros supõe que os outros não podem



nem falar, nem agir por si próprios” (LE BLANC, 2011, p.88, tradução nossa).¹ Nesse contexto, falar em seu lugar significa se recusar a emprestar ouvido à palavra do outro. Da mesma forma, querer agir no lugar desse outro é decidir que essa vida não é agente ou que seu regime de ação não é autêntico. Há que ter cuidado com esse ideal de *práxis* transformadora, uma vez que há o risco de se falar em nome de outros, muitas vezes, retirando deles a sua capacidade de falar, silenciando, portanto, a dimensão de sujeito político (RESENDE, 2014).

Diante de tais aspectos e reflexões, a proposta da Faculdade Unimed é convidar alunos e professores a trabalharem juntos no enfrentamento de problemas sociais concretos. Nesse contexto, alunos e professores são estimulados a socializarem seus conceitos e descobertas, num contínuo processo de reconstrução da concepção profissional, bem como de sua postura ética, promovendo o enriquecimento de ideias seja por meio de debates e estudos ou através da elaboração de artigos científicos e participação em eventos acadêmicos.

3 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FACULDADE UNIMED

O NUPEX, responsável pela gestão da Extensão Universitária enquanto atividade-fim integrada ao Ensino e à Pesquisa, é um dos lugares de exercício da função social da Faculdade Unimed. Ao possibilitar a articulação da academia com a sociedade, trabalha em prol da promoção da cidadania, da inclusão e do desenvolvimento social. Isso se reflete na formação cidadã e humanista discente e docente, na perspectiva de desenvolvimento integral do ser humano, missão primeira da Universidade.

O NUPEX pretende gerar referências conceituais e operacionais que despertem interesse da comunidade acadêmica em adotar uma metodologia de resultados para gestão cidadã, concomitante ao fortalecimento da formação integral do aluno, por meio do empoderamento.

Outro objetivo relevante é o fortalecimento institucional das entidades parceiras, como o Instituto Rondon Minas, o Centro Mineiro de Alianças Intersetoriais (CeMAIS), escolas públicas e demais instituições que integram a Rede Social da Faculdade Unimed, oferecendo assessoria técnica para melhor gestão e desenvolvimento de lideranças necessários ao bom funcionamento das instituições parceiras, capacitando sua equipe profissional em temáticas úteis à melhoria da gestão e da qualidade dos serviços prestados à comunidade e ainda complementando e enriquecendo as ações voltadas para a comunidade local no que se refere à promoção da saúde e qualidade de vida, da geração de emprego e renda e da cidadania. Os

¹ [...] *parler au nom des autres, agir au nom des autres supposent que les autres ne peuvent ni parler ni agir en leur nom.*



alunos e professores da Faculdade Unimed serão estimulados a socializarem seus conceitos e descobertas, num contínuo processo de reconstrução da concepção profissional, bem como de sua postura ética, promovendo o enriquecimento de ideias seja por meio de debates e estudos ou através da elaboração de artigos científicos.

A realização da extensão universitária da Faculdade Unimed está baseada na Metodologia de Resultados para Gestão Cidadã elaborada por Romano Filho (2002) cujo processo de intervenção é sempre voltado para provocar interações onde retroalimentem valores essenciais como autoestima, autonomia, sucesso, liberdade, complementaridade, democracia, justiça, protagonismo, participação, empreendedorismo, cooperação, cidadania, civismo, transformação, mudança, fraternidade, transcendência, solidariedade, humanismo e ética.

A situação desejada é, então, formar mais pessoas, especialmente aquelas que atuam em entidades filantrópicas e/ou comunitárias, para a realização de suas potencialidades e que as legitimem nos seus direitos como cidadãos, contribuintes e eleitores. Outro resultado desejado é a capacitação de mais pessoas em conceitos e práticas de autogestão e auto-sustentabilidade. Nessa perspectiva, uma forte característica da Metodologia de Resultados é a complementaridade. Significa não se superpor a atividades de instituições governamentais e de organizações não governamentais. Assim, Escola, Família, Polícia, dentre outros não podem ser substituídas em seus papéis indelegáveis, mas precisam ser complementadas no espaço de cidadania que transcenda suas capacidades de ação. Neste contexto, uma das principais e mais cotidianas rotinas deste projeto é articular atores sociais para a co-construção de objetivos comuns que resultem em parcerias para enfrentamento dos problemas sociais.

Trata-se, portanto, de 'um jeito de fazer' onde o mais importante é cuidar do ingresso, da permanência e do sucesso de cada ator social nesta rede de cidadania, de fraternidade e de solidariedade pela co-construção e auto-sustentabilidade de uma Cultura de Paz, com resultados concretos, assegurando a transformação social. Nesse contexto, o papel fundamental da Faculdade Unimed é ser articuladora das soluções e se fazer aceita, acreditada e respeitada por suas referências de metodologias em gestão cooperativista, colaborativa e de instituições de saúde.

Na proposta dessa metodologia, o 'Empowerment' (ou empoderamento) de pessoas e entidades sociais atua como fator de construção de uma "Cultura de Paz", cooperativa e colaborativa, cujo principal desafio consiste em conseguir resultados efetivos, partindo de uma visão estratégica, corroborada por metodologias transformadoras, simples, universais, de baixo custo e de fácil operacionalidade.



Por suas características de simplicidade, universalidade, adequabilidade e informalidade, a metodologia de trabalho do NUPEX/Faculdade Unimed não tem a rigidez de modelo, nem pretende se ater às especificações de receita ou às exigências de normativos, mas tem referências claras sobre fatores de sucesso e resultados transformadores.

As ações desenvolvidas são nucleadas em 03 eixos temáticos, a saber: Evolução Social (Informática, Idiomas, ferramentas de gestão etc.); Ação Cultural e Desenvolvimento Humano e Societário; Apoio ao Estudante (reforço escolar, monitoria, orientação de carreira, coaching etc.).

Ao longo da realização de todas as ações dos programas e projetos de extensão, seja nas assessorias técnicas, cursos, capacitações ou oficinas, são analisados aspectos relacionados ao desenvolvimento de capacidades de: ter indignação pelas ruindades sociais e encantamento pelas soluções cidadãs; circular informações para o melhor posicionamento do receptor e não para promoção do emissor; promover a individualidade e autonomia com interdependência; ser reeditor e não apenas multiplicador; buscar e assegurar resultados como compromisso ético; pensar universalmente e atuar localizadamente; ser pluralista e universal para não excluir; evitar megalomania, autoritarismo e isolacionismo ao considerar sempre que o nosso trabalho é apenas complementar ao trabalho de outros; adotar organização informal ou informalidade organizada como um dos jeitos de não se enveredar pela tentação de estruturas piramidais, que consomem boa parte de sua energia no mando de uns e na passividade de outros; dar a esta iniciativa uma visibilidade de mutirão e uma operacionalidade de ação simples para que outros empreendedores se sintam interessados e capacitados a reeditar trabalho semelhante em outras áreas .

O Regulamento da Extensão Universitária, por sua vez, ao dispor sobre a organização e o funcionamento do NUPEX, além de corroborar as diretrizes de dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, enfatizou a participação da extensão na formação humanística, acadêmica e profissional do estudante. Nessa perspectiva, é imprescindível o conhecimento dos problemas do mundo e o desenvolvimento de habilidades e competências que viabilizem a produção de conhecimento e com potencial inovador, eficazes e replicáveis.

Diante de tal cenário, a Faculdade Unimed além de trabalhar efetivamente a dimensão pedagógica, propugnando a inclusão da dimensão da extensão universitária em todos os projetos pedagógicos de cursos oferecidos pela IES, tem convocado a comunidade acadêmica a planejar estrategicamente suas ações de extensão e a manter o foco nas diretrizes da Política Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012), por meio, inclusive, da elaboração de planos de



ação integrados e sistemático monitoramento dos resultados junto ao setor de gestão da qualidade desta IES.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da elaboração do presente ensaio, foi possível perceber que a Portaria nº 1.350 MEC/CNE de 17/12/2018 atualizou, sintetizou e tornou legítimas as principais referências históricas e conceituais da extensão universitária no país. No entanto, ainda há um longo caminho pela frente no que se refere à efetividade da extensão universitária na formação do aluno de graduação brasileiro.

A Faculdade Unimed pretende se manter atuante no cenário de co-construção do futuro da educação superior no país. O NUPEX atualmente conta com três linhas de atuação em extensão universitária ligadas às seguintes áreas de concentração:

1) Gestão em saúde, focada na Atenção Integral à Saúde aplicada à Gestão de Organização de Saúde e Gestão de Risco e Segurança do Paciente. No âmbito dessa linha, são desenvolvidos projetos e práticas de extensão voltados a estabelecimentos de saúde e demais organizações regulamentadas pela ANVISA, tais como: salão de beleza, spa, ILPI (Instituição de Longa Permanência), dentre outros.

2) Cooperativismo, com foco em Empreendedorismo Social e Educação Cooperativista: dentro desta linha, foi estabelecida uma parceria com o Projeto Rondon, no qual alunos se conectam com comunidades socialmente vulneráveis e com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) para efetuar diagnósticos socioespaciais e planos técnicos de diversas áreas de conhecimento em prol do desenvolvimento integrado e sustentável das comunidades. A equipe é formada por alunos e professores voluntários, cuja orientação se dá pela ótica dos direitos humanos, empreendedorismo social e sustentabilidade. O objeto maior é o fortalecimento de vínculos para a transformação e melhoria da qualidade de vida das populações e garantia de direitos sociais.

3) Programa Aprender de Verdade, voltado para o nivelamento e fortalecimento da educação básica. O objetivo do projeto é:

fomentar, apoiar e disseminar investigações que estejam comprometidas com a construção de soluções para os desafios e obstáculos à melhoria da qualidade das políticas educacionais e ao funcionamento cotidiano das escolas, com foco na ampliação das oportunidades de aprendizagem de todos os estudantes e na mitigação e superação de desigualdades educacionais dos anos finais do ensino fundamental (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS; ITAÚ SOCIAL, 2018, p. 3).



Além dos projetos já em andamento, o NUPEX/Faculdade Unimed lança anualmente editais abertos à comunidade acadêmica interna para a submissão de projetos de Monitoria e Extensão a serem desenvolvidos por meio da parceria entre professores e alunos, cujo objetivo é propiciar aos estudantes de graduação uma formação integral e cidadã.

Entre as principais atribuições do NUPEX, estão: suporte ao aluno e professor para iniciação científica, editais, monitoria, estágios, atividade complementar da graduação, visitas técnicas, eventos acadêmicos, relações internacionais, relações institucionais e multicêntricas, editora universitária, responsabilidade socioambiental e pós-graduação stricto sensu.

Essas ações são financiadas por meio de fomento próprio e através de parcerias com outras instituições públicas e privadas e também via submissão de projetos em editais externos dos vários órgãos de fomento, tais como FAPEMIG, Itaú Social, Fundação Carlos Chagas, CNPq e outros.

Por fim e em síntese, o NUPEX/Faculdade Unimed atua para o fortalecimento da política de extensão universitária e desenvolve estratégias e métodos de promoção da extensão dentro da Faculdade Unimed.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernando Cezar Bezerra; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: o caso do estágio de docência na pós-graduação. *Revista Olhar do Professor*. p. 77-92. Ponta Grossa. 2005.

ARATO, Andrew. A antinomia do marxismo clássico. In: HOBBSAWN, Eric. (Org.) *História do marxismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 85-148.

BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de análise institucional: e outras correntes - teoria e prática*. 5.ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002, 214p.

BRASIL. *Código civil*. 2.ed. Brasília: Senado, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação, ABMES. Portaria normativa nº 1350, de 14 de dezembro de 2018. *Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira*. Disponível em: <https://bit.ly/2VKSGZP>. Acesso em: 12 jan 2019

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CESAR, Sandro Bimbato. *A indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a gestão do conhecimento: estudo em universidade brasileira*. 2013. 131f. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) - FUMEC. Belo Horizonte, 2013



CHANLAT, Jean-François. *Ciências sociais e management: reconciliando o econômico e o social*. São Paulo: Atlas, 2000.

FERNANDES, F. *A questão da USP*. São Paulo: Brasiliense, 1984

FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/1snCH5J>. Acesso em: 12 jan 2019.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS; ITAÚ SOCIAL. *Editais de pesquisa: anos finais do Ensino Fundamental*. São Paulo, 2018, p. 15. Disponível em: <https://bit.ly/2EoUfa6>. Acesso em: 10 jan 2019.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1970. 121p

LE BLANC, Guillaume. *Que faire de notre vulnérabilité? Le temps d'une question*. Montrouge: bayard, 2011. 213p.

MARQUES, Ana Karenina Berutti. *Canta uma esperança: a máscara como resistência na poética de Chico Buarque*. 2005. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2005.

MARQUES, Benjamim Campolina. Legislação e movimentos pendulares ambientais. *Revista Mineira de Engenharia*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 811, out. 1989.

MASCARENHAS, Maria das Graças. Sua safra, seu dinheiro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 set. 1986. Suplemento agrícola, p. 1416.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. *Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras*. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Edusp, 2000.

RESENDE, Carolina Costa. *O trabalho do corte manual de cana-de-açúcar: sofrimento e vulnerabilidade*. 2014. 214 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

ROMANO FILHO, Demóstenes; SARTINI, Patrícia; FERREIRA, Margarida M. *Gente cuidando das águas: meia dúzia de toques e uma dúvida de idéias para um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de água*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

SÍVERES, Luiz. O Princípio Da Aprendizagem Na Extensão Universitária. In: SÍVERES, Luiz (Org.) *A extensão universitária como princípio de aprendizagem*. Brasília: Liber, 2013.

THIOLLENT. Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.